WITTER (José Sebastião). — *Um estabelecimento agrícola da Província de São Paulo nos meados do Século XIX*. Apresentação de Eurípedes Simões de Paula. Coleção da "Revista de História", vol. L, São Paulo, 1974, 95 pp.

É, provavelmente, um truismo dizer-se que a importância de um texto está não só naquilo que explicitamente contem, mas também no que lhe fica implícito e sobretudo nas dúvidas que suscita. Um trabalho desse tipo constitui sempre um desafio à reflexão do leitor que dá prioridade à construção do conhecimento ao invés de debruçar-se na crítica banal à construção da obra.

Tem essas características o livro que José Sebastião Witter, professor no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, acaba de publicar na prestigiosa coleção de monografias que, paralelamente à "Revista de História", constitui um dos pacientes e importantes empreendimentos do prof. Eurípedes Simões de Paula.

Ao invés de elaborar uma obra "fechada" por meio dos muitos recursos e artifícios de que um intelectual pode dispor para garantir e/ou prolongar a

“invulnerabilidade” do seu trabalho, José Sebastião Witter preferiu a exposição direta não só dos seus trunfos, mas também das limitações do seu estudo. Assim, ele garante ao leitor, lealmente como convem, desde logo, o acesso aos seus próprios tropeços na tentativa de abordar um tema “menor”, fazendo, sem o deliberar, contraponto com a vaga de “olimpismo” que tende a viesar o conhecimento da realidade em certos momentos e em certas circunstâncias.

Por esse meio, o tema “menor” vai crescendo em importância estratégica na inteligência do leitor, esgarçando o tecido cerrado e olímpico das formulações da moda. A velha *Fazenda Ibicaba*, da empresa Vergueiro & Cia., em que o liberal Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, bacharel em Direito Civil pela Universidade de Coimbra, advogado militante, senador do Império, comerciante e fazendeiro, realizou uma experiência pioneira de implantação do trabalho livre, em meados do século passado, através do sistema de *parceria*, ressurgiu diante do leitor com características esclarecedoras. A monografia não se esgota na inovação que a empresa pretende estabelecer nas relações de trabalho nem na referência aos aspectos estritos do levante camponês de parceiros suíços e alemães que o lúcido mestre-escola Thomas Davatz descreve nas suas conhecidas *Memórias*.

Apesar de todas as limitações de um material de pesquisa sensivelmente empobrecido, ao que tudo indica, por um incêndio nos arquivos particulares do estabelecimento rural de Ibicaba, o autor não se intimida, ao contrário, tenta o possível, reconstituindo os diferentes momentos do empreendimento econômico que é objeto do seu estudo. Com isso, o levante camponês fica situado num quadro mais amplo, tornando evidente a necessidade de que os cientistas sociais retomem o tema, já agora no plano *explicativo*, para que, a um só tempo, possam desvendar concretamente o acontecimento e a sociedade na qual ocorre.

O livro vai mostrando, nas linhas e nas entrelinhas (sustentadas ambas pela documentação anexada) a contradição entre o liberalismo e a sua ética, de um lado, e as necessidades de reprodução do capital, de outro. O tormento do empresário, os seus recuos morais, as suas estratégias (como a do vale de pagamento de empregados), a sua falência mostram, no plano das relações sociais, que os episódios de 1857, vividos e narrados por Davatz (já naquela altura acusado por seus patrões de ligações com agitador subsversivo e comunista) não podem ser explicados senão através das mediações mais amplas e significativas que geram o empresário e, ao mesmo tempo, os seus interlocutores e os seus contrários. É por esse caminho que uma das nossas mais insistentes “verdades” pode começar a ser repensada: as condições concretas da reprodução do capital não são negativamente afetadas pela sobrevivência da mentalidade escravocrata no fazendeiro. É que entre ele e os colonos estrangeiros existiam, como parte integrante da própria empresa rural, intermediários *alemães*, agentes imediatos de uma relação repressiva e espoliativa. Nesse caso, esses agentes imediatos não são herdeiros daquela mentalidade. No entanto, vivenciam imediatamente, isto

sim, uma situação social permeada pela dinâmica do capital, na qual são articuladas as relações sociais, seja com o escravo seja com o homem livre. Assim sendo, a mentalidade não é herança, mas experiência e realidade social interpretadas.

Ainda que essas reflexões possam contrapor-se a formulações diretas de José Sebastião Witter, elas constituem justamente a demonstração de como o aparentemente modesto trabalho desse autor semeia, produtivamente, interrogações de grande importância, fecundando a inteligência dos seus leitores.

JOSÉ DE SOUZA MARTINS